

Mt 16,13-20 (Quem é Jesus?)

“E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15). Se esta pergunta de Jesus nos fosse dirigida, talvez tivéssemos uma resposta na ponta da língua, utilizando expressões que aprendemos desde crianças. Significa nossa resposta, embora correta em seus termos, que realmente sabemos quem seja Jesus? Pois para seus contemporâneos tudo o que podiam afirmar sobre ele era considera-lo um profeta, um homem de Deus que falava com autoridade, que atraía os pobres por lhes incutir ânimo e esperança, que era dotado do poder de Deus para realizar curas, embora não fosse um bom cumpridor das normas religiosas de seu tempo. Entre seus contemporâneos estavam também os apóstolos, embora saibamos que a confissão de Pedro remonta a época posterior já sob a ação decisiva do Espírito Santo, que será expressa por Lucas com o evento de Pentecostes.

Portanto somente pela atuação do Espírito Santo puderam chegar os apóstolos à verdadeira identidade de Jesus, como, aliás, será reconhecido por Paulo (1Cor 12, 3). Então irão confessar que Jesus não foi simplesmente um homem como os demais, mas que ele pertencia à esfera de Deus, afirmação baseada em sua ressurreição, como nos assevera Paulo: “estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos” (Rm 1, 4). Sob a influência da filosofia grega Jesus Cristo será confessado como de natureza humana e divina, como aparece ainda na atual liturgia da Igreja.

Entretanto nossa pergunta continua sem resposta, pois não sabemos o que significa propriamente este “divino”, pois Deus, sendo infinito, não pode ser conhecido como conhecemos a realidade limitada e finita. A humanidade de Jesus, esta sim, podemos de certo modo conhece-la pelos relatos evangélicos. De certo modo, pois não são meros relatos históricos, mas testemunhos de uma fé já comprometida com Jesus Cristo, e que expressam as vivências das primeiras comunidades cristãs com uso livre de símbolos incompatíveis com a historiografia atual. Então, voltamos à estaca zero?

Não, porque podemos verificar nestes relatos uma *característica constante* nas palavras e no comportamento de Jesus. Alguém que viveu sempre descentrado de si mesmo, sempre voltado para os outros, sempre sensível ao sofrimento alheio, sempre fazendo o bem (Mt 10, 38), numa palavra, alguém cuja vida irradiava o amor ao próximo. A esta vida correspondia sua pregação como demonstra não só o sermão da montanha (Mt 5, 1-7), mas também suas parábolas como a do bom samaritano (Lc 10, 29-37) e a do juízo final (Mt 25, 31-46). Se ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e a quem o Filho quiser revelar (Mt 11, 27), então a partir de Jesus Cristo podemos afirmar com João que Deus é amor (1Jo 4, 8.16).

E João ainda acrescenta que quem ama “conhece” a Deus (1Jo 4,7). Conhecer no sentido bíblico, a saber, estar numa relação *existencial* com Deus que não se limita somente à inteligência, mas que atinge a totalidade da pessoa. Como nos adverte o testemunho do

teólogo belga Edward Schillebeeckx: quanto mais estudo cristologia, tanto mais sinto Jesus Cristo mais distante. Portanto o conhecimento de Jesus Cristo se realiza, sobretudo, ao assumirmos sua vida, ao fazê-lo o centro da nossa existência, ao concretizarmos hoje suas palavras e reproduzirmos seu comportamento, num processo que abrange toda a nossa vida.

Daqui entendemos como pôde Paulo afirmar, sem ter conhecido Jesus aqui na terra: “eu vivo, mas não eu, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20). Esta identificação foi também uma constante na vida de Santo Alberto Hurtado, do Chile, que diante de uma decisão a ser tomada, sempre se perguntava: o que faria Jesus nesta situação? Muita gente conhece de fato a Jesus Cristo, embora seja incapaz de tecer belos discursos sobre ele, enquanto outros o veem numa ótica intimista, sentimental, devocional, ou mesmo intelectual, que nada modifica em suas vidas. Outros ainda fazem dele um chamariz para ganharem dinheiro ou ascensão política. Sabem eles realmente quem é Jesus Cristo?

Este Evangelho nos ensina que o encontro com Cristo presente nos textos evangélicos só será real e autenticamente cristão se procurarmos, sob o influxo do mesmo Espírito que guiou Jesus em sua vida, também *plasm*ar o nosso cotidiano com o ensinamento e o comportamento de Mestre de Nazaré. Só assim chegaremos a um *conhecimento interno* de Jesus, como exprimia Inácio de Loyola, e que nos fará viver nossa fé diversamente, a saber, de modo pleno e qualificado, e que nos permitirá experimentar sentido e consistência nesta aventura que é a existência humana.

MFM